

# A IMPORTÂNCIA DA HERMENÊUTICA BÍBLICA PARA A PREGAÇÃO EXPOSITIVA: REFLEXÕES SOBRE A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA E SEUS PRINCÍPIOS

Samuel Marques Campos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto foi produzido em comemoração aos 60 anos da Faculdade Teológica Batista Equatorial e do lançamento do curso de pós-graduação *lato sensu* em Arte da Pregação Expositiva em parceria com *The Southern Baptist Theological Seminary*. A disciplina “Hermenêutica Bíblica”, que será ministrada no referido curso, está apresentada sucintamente em forma deste artigo. Este texto, que parte de uma perspectiva bíblico-reformada, visa trabalhar as definições e os passos da hermenêutica bíblica como sendo cruciais para a pregação expositiva. Inicialmente será feito um sucinto estudo dos termos bíblicos relacionados à interpretação bíblica, ressaltando também os pressupostos e desafios interpretativos do Livro Sagrado. Posteriormente, ressaltaremos a importância do estudo das palavras da perícopes que se deseja trabalhar. Também será enfatizada a relevância de se levar em consideração com as informações histórico-culturais e contextuais. Na terceira parte, trabalharemos como a hermenêutica bíblica deve lidar com as peculiaridades literárias e figuras de linguagem. Neste último tópico, utilizaremos os recursos utilizados pelo maior pregador de todos os tempos: Jesus. Por fim, lançaremos mão dos princípios hermenêuticos utilizados por Cristo no Sermão do Monte, pois nessa pregação o Senhor demonstra ser o Intérprete por Excelência. Assim sendo, será ressaltada a relevância de se conhecer os principais passos da hermenêutica para a elaboração de uma pregação expositiva fiel ao texto bíblico.

**PALAVRAS-CHAVES:** Pregação expositiva, hermenêutica, interpretação bíblica, princípios hermenêuticos.

**Abstract:** this text was produced to celebrate the 60th anniversary of the equatorial Baptist Theological College and the launch of the broad post-graduation course in the Expository Preaching Arts in partnership with The Southern Baptist Theological Seminary. The discipline “Biblical Hermeneutics” to be taught in that course, is briefly presented in the form of this article. This text, which part of a biblical-Reformed perspective, aims to work settings and the steps of biblical hermeneutics as crucial to expository preaching. Initially a brief study of the biblical terms related to biblical interpretation will be done, stressing also the assumptions and interpretive challenges of the Holy Book. Subsequently, we will highlight the importance of studying the biblical text of the words that you want to work. It will also be emphasized the importance of taking into consideration with the historical, cultural and contextual information. In the third part, we will work as biblical hermeneutics must deal with the literary peculiarities and figures of speech. In the latter topic, we will use the resources used by the greatest preacher of all time: Jesus. Finally, we will launch the hand of hermeneutical principles used by Christ in the Sermon on the Mount, for preaching that the Lord proves to be the Interpreter for Excellence. Therefore, it is emphasized the importance of knowing the main steps of hermeneutics for the development of expository preaching faithful to the biblical text.

---

<sup>1</sup> Samuel Marques Campos é bacharel em Ciência da Computação pela *Universidade Federal do Pará* (Belém, 2005). É especialista em Teologia Bíblica (Belém, 2007) e mestre em Teologia (Belém, 2010), ambos, cursos livres pelo Seminário Teológico Batista Equatorial. É especialista em Ciências da Religião pela *Faculdade Teológica Batista Equatorial* (FATEBE) (Belém, 2012), mestre em Ciências da Religião pela *Universidade do Estado do Pará* (2014) e atualmente é doutorando em Ciências Sociais, concentração em Antropologia, pela *Universidade Federal do Pará*. É Coordenador de Extensão e Docente Acadêmico da FATEBE.

## KEY-WORDS

Expository preaching, hermeneutic, biblical interpretation, hermeneutics principles

## Definições iniciais

De acordo com Mark Dever a pregação expositiva é uma das marcas essenciais de uma igreja bíblicamente saudável, pois “a prática da pregação expositiva presume a crença de que o que Deus afirma é determinante para o seu povo”<sup>2</sup>. Por isso, Dever, em outra obra, afirma que “Deus resolveu usar sua palavra para criar vida. Esse é o padrão que vemos nas Escrituras e na história. A Palavra de Deus é o seu instrumento escolhido para criar vida”<sup>3</sup>.

Ao trabalhar sobre a pregação expositiva, Hernandes Dias Lopes a define:

O texto da Escritura é a fonte da mensagem e a autoridade do mensageiro. O texto dirige o sermão. O foco, o conteúdo, as ideias, as divisões e aplicação do sermão devem ser centradas na passagem bíblica, e não nos critérios, pensamentos e opiniões dos pregadores ou teólogos. Pregação expositiva é pregação centrada na Bíblia<sup>4</sup>.

O mesmo autor, ao analisar a pregação no decorrer da história, em especial no ministério de Jesus, resume a pregação expositiva em três verbos: ler, explicar e aplicar<sup>5</sup>. Para que o verbo “explicar” seja devidamente empregado na pregação, é imperioso o conhecimento dos princípios envolvidos na tarefa da interpretação, a fim de que haja adequada explicação do texto bíblico e, posteriormente, uma aplicação relevante aos ouvintes contemporâneos.

## Termos esclarecedores sobre a interpretação bíblica

A palavra “hermenêutica” deriva do verbo grego  $\epsilon\rho\mu\eta\upsilon\epsilon\omega$  e significa “explicar”, “interpretar” ou “traduzir”<sup>6</sup>. Nos evangelhos sinóticos aparecem dois termos derivados:

---

<sup>2</sup> DEVER, Mark. **O que é uma igreja saudável?** São José dos Campos: Fiel, 2009, p. 58.

<sup>3</sup> DEVER, Mark. **Nove Marcas de uma igreja saudável.** São José dos Campos: Fiel, 2007, p. 44.

<sup>4</sup> LOPES, Hernandes Dias. **A Importância da Pregação Expositiva para o Crescimento da Igreja.** São Paulo: Candeia, 2004, p. 135.

<sup>5</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva: sua importância para o crescimento da igreja.** São Paulo: Hagnos, 2008, p. 31.

<sup>6</sup> DANKER, Frederick W.; GINGRICH, F. Wilbur.  $\epsilon\rho\mu\eta\upsilon\epsilon\omega$ . In: **Léxico do Novo Testamento Grego/Português.** São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 85; TAYLOR, William Carey.  $\epsilon\rho\mu\eta\upsilon\epsilon\omega$ . In: **Dicionário do Novo Testamento Grego.** Rio de Janeiro: JUERP, 1991, p. 88.

diermhneu,w e meqermhneu,w/omai, ambos com o sentido de “interpreto”, “significo”<sup>7</sup>. Jesus emprega diermhneu,w uma única vez em Lc 24.27 com o sentido de “explicar” ou “interpretar” as Escrituras<sup>8</sup>. Neste texto, o Cristo ressurreto “[...] explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras”<sup>9</sup>.

Outra palavra relacionada à hermenêutica é “exegese”. Esta palavra deriva do grego e`xh,ghsij e significa “conduzir para fora”. Esse termo deriva de e`k, que significa “fora de”, “para fora” e VHge,omai, que tem o sentido de “conduzir”, “guiar”, “liderar”<sup>10</sup>. Nesse sentido a exegese “significa extrair a mensagem do texto [...] traze[ndo] à luz a mensagem da parte de Deus conforme registrada nas Escrituras”<sup>11</sup>.

Anglada informa que existem basicamente duas definições da hermenêutica. Em um sentido clássico, a hermenêutica pode significar o estudo e sistematização da teoria da interpretação. Porém, alguns autores mais contemporâneos, no entanto, empregam o vocábulo “hermenêutica” como sendo o estudo do significado de um texto bíblico para o contexto contemporâneo, ou seja, é a aplicação do texto bíblico para o leitor contemporâneo.<sup>12</sup>

No entanto, seguiremos Anglada que entende a hermenêutica como “os pressupostos básicos” e os princípios da interpretação. Ela “estuda e sistematiza a teoria da interpretação”. Já a exegese “designa a [...] prática” desses princípios hermenêuticos.<sup>13</sup>

## **A natureza das escrituras: pressupostos e desafios hermenêuticos**

Antes de conhecermos os princípios da hermenêutica devemos lidar com os pressupostos e os principais desafios envolvidos na interpretação bíblica. Na perspectiva reformada, consideramos que as Escrituras possuem duas naturezas: humana e divina. Tais características trazem em seu bojo desafios ao intérprete bíblico hodierno.<sup>14</sup>

---

<sup>7</sup>ANGLADA, Paulo. **Introdução à Hermenêutica Reformada: Correntes Históricas, Pressuposições, Princípios e Métodos Lingüísticos**. Ananindeua: Knox Publicações, 2006, pp. 21, 22. **CONCORDÂNCIA FIEL DO NOVO TESTAMENTO**. diermhneu,w, diermenēuō; meqermhneu,omai, methermēneuomai & meqermhneu,w, methermēneuō. In: Vol. 1. São José dos Campos: Fiel, 1994. 2 vols. (Grego-português), pp. 162, 493, 494. Nos sinóticos, o verbo diermhneu,w aparece apenas em Lc 24.27. Já o verbo meqermhneu,w/omai ocorre em Mt 1.23; Mc 5.41; 15.22, 34, tendo a conotação, em todas as suas ocorrências, de tradução de um idioma para outro.

<sup>8</sup>DANKER e GINGRICH, e`rmhneu,w, Léxico, p. 56.

<sup>9</sup>**BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida / Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

<sup>10</sup>COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Curso Introdutório de Homilética**. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 343 (nota n.º 3).

<sup>11</sup>COSTA, Hermisten. Op. Cit, p. 2.

<sup>12</sup>ANGLADA, Op. Cit, p. 25.

<sup>13</sup>ANGLADA Op. Cit, p. 22.

<sup>14</sup>LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 23-29.

## As Escrituras como Livro Humano e os distanciamentos peculiares

As Escrituras não caíram dos céus para a humanidade. A teologia petrina ressalta que a Bíblia não “teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21). Deus usou o ferramental humano para manifestar sua vontade revelada. Ele escolheu homens santos que viveram em tempos e contextos distintos e possuíam culturas e idiomas muito diferentes do nosso. Por isso, há dificuldades inerentes na tarefa de se interpretar as Escrituras. Dentre elas ressaltamos:

- a) *Distância cronológica*: A Bíblia foi escrita muito tempo atrás. O último livro do Novo Testamento (NT) foi escrito no final do primeiro século da era cristã. Isto significa que estamos há séculos de distância dos autores bíblicos e das primeiras comunidades que usufruíram da presença dos escritores inspirados. Desta forma, o primeiro obstáculo que o intérprete bíblico deve enfrentar é o distanciamento temporal;
- b) *Distância contextual*: Os livros bíblicos foram registrados para resolver problemas peculiares e escritos em contextos históricos muito diferentes e distantes dos nossos. Por exemplo, o livro de Filipenses, a “carta da alegria”, foi uma das epístolas de prisão de Paulo, provavelmente escrita em Roma,<sup>15</sup> quando o apóstolo estava em prisão domiciliar (Fp 1.7, 13, 17) sob o reinado do imperador Nero. Outros escritos bíblicos, por exemplo, foram escritos para combater a ação de judaizantes (Gálatas) ou contra a influência de um protognosticismo (cerintinismo, docetismo) (1ª Epístola de João) na igreja.<sup>16</sup> Esses são exemplos de que a distância contextual é outra barreira que deve ser enfrentada pelo intérprete;
- c) *Distância cultural*: na época em que as Escrituras foram escritas, havia costumes e cosmovisões diferentes das nossas. Havia estruturas literárias próprias na Antiguidade. Na igreja de Corinto, por exemplo, havia o costume das mulheres usarem um véu (1 Co.11). Já o Salmo 119 foi escrito utilizando o recurso da poesia hebraica chamada de acróstico, que era um “poema organizado em ordem alfabética, no hebraico”<sup>17</sup>. Por isso, a inspiração bíblica não anula que a mensagem bíblica “foi registrada numa determinada cultura, da qual preservou traços”<sup>18</sup>;

---

<sup>15</sup> Para maiores discussões sobre o local da escrita, cf. HALE, Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001, pp. 284-289; CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo, Vida Nova, 1997, p. 351-354.

<sup>16</sup> HALE, Broadus. Op. Cit, p. 250-252, 413-415.

<sup>17</sup> **BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional**, nota c.

<sup>18</sup> LOPES, Hernandes. Op. Cit, p. 24.

- d) *Distância linguística*: O Antigo Testamento (AT) foi escrito em hebraico antigo e, algumas partes, em aramaico. O NT foi registrado em grego *koinê*. Esses idiomas antigos são muito diferentes da língua portuguesa empregada no Brasil atual. Eles possuem formas distintas de apresentar conceitos. Isso exige do hermenêuta a busca por conhecimento das línguas originais para que possa melhor entender o sentido original bíblico pretendido;<sup>19</sup>
- e) *Distância autoral*: Os autores bíblicos já faleceram. Não temos mais o privilégio de tirar dúvidas com os autores bíblicos buscando resgatar as suas intenções sobre passagens obscuras. Não podemos, por exemplo, recorrer ao apóstolo João para tirar dúvidas sobre vários simbolismos do livro de Apocalipse. Apesar de tendências hermenêuticas pós-modernas ressaltarem a morte do autor e a impossibilidade de se acessar a intenção original do escritor, “cremos”, como pressuposto reformado, “que esta intenção sobrevive no que escreveram. Mas certamente a ausência do autor faz com que a interpretação de textos obscuros seja necessária”<sup>20</sup>.

### **As Escrituras como Livro Divino e os distanciamentos peculiares**

Na sua última epístola escrita a Timóteo, antes de ser martirizado, Paulo é enfático: “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Tm 3.16). O termo “inspirada por Deus” é a tradução do termo grego *qeo,pneustoj*, que significa “inspirado por Deus”<sup>21</sup>. Literalmente esta palavra exprime a ideia de “soprado para dentro por Deus”.<sup>22</sup> Isto significa que apesar de homens santos registrarem a mensagem de Deus em linguagem humana, esse registro bíblico enfatiza que Deus supervisionou todo o processo de inspiração desses homens. De forma similar aos desafios envolvidos na interpretação devido à natureza humana da Bíblia, a natureza divina das Escrituras traz também barreiras que precisam ser observadas.

- a) *Distância natural*: O ser humano é naturalmente inferior ao Todo Poderoso Yahweh. Somos criaturas e Deus é o Eterno e Soberano Criador. Ele é “o Senhor [que] estabeleceu o seu trono nos céus, e como rei domina sobre tudo o que existe” (Sl 103.19). Somos finitos e limitados. Deus é infinito e não possui dimensões físicas, pois Ele é espírito (cf. Jo 4.24a). Desta forma, há um distanciamento natural entre o Todo Poderoso e nós, suas restringidas

---

<sup>19</sup> Essas tarefas serão mais bem fomentadas nos artigos referentes às disciplinas de “Exegese do Antigo Testamento” e “Exegese do Novo Testamento”.

<sup>20</sup> LOPES, Hernandes. Op. Cit, p. 25.

<sup>21</sup> DANKER e GINGRICH, Op. Cit, p. 97..

<sup>22</sup> KELLY, John N. D. **I e II Timóteo e Tito**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1983, p. 184-185.

e dependentes criaturas. Nesse sentido, há a necessidade da “iluminação do Espírito Santo”<sup>23</sup>;

- b) Distância espiritual e moral: O apóstolo Paulo, citando vários textos do AT, faz um retrato real e tenebroso da natureza corrompida do ser humano:

Como está escrito: “Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer [...] ruína e desgraça marcam os seus caminhos [...] Aos seus olhos é inútil temer a Deus”. Sabemos que tudo o que a lei diz, o diz àqueles que estão debaixo dela, para que toda boca se cale e todo mundo esteja sob o juízo de Deus (Rm 3.10-12, 18-19).

Esse texto bíblico é enfático ao retratar a condição pecaminosa do ser humano após a queda, afetando integralmente o seu ser<sup>24</sup>. É por isso que o ser humano, que já nasceu pecador (cf. Sl 51.5), está espiritualmente inabilitado para compreender a Palavra de Deus e aceitar suas implicações, pois “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2.14)<sup>25</sup>. Essas passagens enfatizam “o caráter espiritual da epistemologia bíblica. Elas ensinam a absoluta incapacidade do homem não regenerado para alcançar uma *compreensão genuína* da revelação de Deus”<sup>26</sup>. É por isso que há um distanciamento espiritual na interpretação bíblica que deve ser levado em consideração. O papel do Espírito Santo é crucial nesse sentido.

### **A Bíblia como livro humano e divino: algumas considerações**

A Bíblia é um livro humano e divino e, conforme já vimos, possui vários obstáculos na compreensão da sua mensagem. Por isso, concordamos com Virkler que enfatiza que “quanto mais bloqueios à compreensão espontânea” de uma mensagem, “maior a necessidade da hermenêutica”<sup>27</sup>.

De acordo com Virkler, a hermenêutica bíblica pode ser classificada como geral e especial. A hermenêutica geral “é o estudo das regras que regem a interpretação do texto bíblico inteiro”; ou seja, são princípios aplicáveis a qualquer tipo de texto bíblico. Já a hermenêutica

---

<sup>23</sup> LOPES, Hernandes. Op. Cit, p. 27.

<sup>24</sup> HORTON, Michael. **Sobre dominadores e rebeldes**: a condição humana. São Paulo: Reflexão, 2014, p. 45-71.

<sup>25</sup> **Versão Almeida Revista Atualizada (ARA)**, cf. **BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA**. São Paulo/Barueri: Cultura Cristã/Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>26</sup> ANGLADA, Paulo. Op. Cit, p. 19.

<sup>27</sup> VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2001, p. 12.

especial “é o estudo das regras que se aplicam a gêneros específicos como parábolas, alegorias, tipos e profecias”<sup>28</sup>.

Assim, a dupla natureza das Escrituras requer que lancemos mão da interpretação bíblica, com o auxílio do Espírito Santo, para enfrentar os distanciamentos envolvidos neste empreendimento. Desta forma, a partir dos próximos tópicos trataremos os principais princípios hermenêuticos norteadores para lidarmos com as Sagradas Escrituras com responsabilidade e reverência ao Senhor.

### **Hermenêutica geral: aspectos contextuais e léxico-gramaticais**

A hermenêutica geral, conforme a divisão virkleana, lida com os princípios gerais aplicáveis a quaisquer textos bíblicos. Nesse sentido, faremos reflexões sobre a importância das análises histórico-culturais e contextuais, léxico-sintáticas e teológicas como princípios norteadores da hermenêutica bíblica.

Conforme já vimos anteriormente, dentre os desafios enfrentados por nós na interpretação bíblica estão o distanciamento cronológico, contextual e cultural. Por isso, é necessário entender o ambiente histórico e cultural do autor inspirado, além de situar a perícopa que se pretende interpretar à luz do contexto e corpo do escrito desse autor. Para emprendermos essa tarefa, é importante lançarmos mão das informações oriundas de comentários bíblicos, panoramas do AT e do NT, livros sobre o ambiente, histórico e cultura da Bíblia etc.

Devemos levar em consideração as informações históricas e culturais do autor inspirado, além de trabalhar com o contexto, a fim de lançar luz sobre o texto bíblico. Por exemplo, quando da discussão de Jesus com os judeus por causa da incredulidade deles (Jo 10.22-42), os versículos 22 e 23 informam que “celebrava-se a *festa da Dedicção*, em Jerusalém. Era inverno, e Jesus estava no templo, caminhando pelo *Pórtico de Salomão*” (grifos nossos).

Para melhor compreender a situação da discussão de Jesus, aprendemos que o Festival da Rededicção (ou Dedicção) do Templo era conhecida também como *Hanucá* para comemorar a rededicação/repurificação do Templo por Judas Macabeu em 165 a.C., após, antes, ter sido profanado por Antíoco Epifânes em 167 a.C. A festa durava oito dias e ocorria no mês *Quislev* (novembro/dezembro) na época do inverno (estação das chuvas).<sup>29</sup>

Lohse traz maiores informações sobre o Pórtico de Salomão:

---

<sup>28</sup> VIRKLER, Henry. Op. Cit, p. 10.

<sup>29</sup> LOHSE, Eduard. **Contexto e Ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 140.

Após a passagem pelos portões da cidade, chegava-se ao Templo, entrando-se primeiro no átrio exterior, aberto também aos pagãos. O átrio exterior era cercado por uma muralha, do lado de dentro da qual colunatas cobertas [por causa da chuva] rodeavam toda a praça do Templo. O pórtico, ao lado leste, chamava-se pórtico de Salomão, [porque se acreditava que] fora construído por Salomão (Jo 10.23; At 3.11). No átrio exterior havia muita movimentação, em virtude do culto sacrificial e da vinda de muitos peregrinos, por ocasião de festas<sup>30</sup>.

Aprendemos que a discussão de Jesus se deu na festa da Dedicção que acontecia no período de chuvas. É por isso, que possivelmente Jesus estava caminhando pelo Pórtico de Salomão. Sem contar que essa discussão ocorreu em meio a uma grande movimentação de pessoas. A situação parece ter sido muito tensa! (v. 39). Assim, as informações históricas nos ajudam a imaginar a situação descrita.

Outras informações mais específicas também são úteis neste tipo de análise. São muito importantes e esclarecedoras as seguintes informações: quem foi o autor? Quais foram os destinatários? Qual foi o propósito do autor ao escrever o livro? Um exemplo a respeito ocorre nos Evangelhos Sinóticos. Percebemos que os evangelistas Marcos e Lucas utilizam a expressão “reino de Deus”, enquanto o evangelho mateano tem relutâncias, preferindo a denominação “reino dos céus”.

O evangelho de Mateus foi escrito pelo publicano e provavelmente levita Mateus (conhecido como Levi). Ele escreveu para “cristãos de fala grega”. O seu propósito é apresentar Jesus como “o Messias, o Cristo [...] muito esperado”<sup>31</sup>. Devido ao seu público, que tinha “relutância de pronunciar o nome sagrado de Deus”, Mateus preferiu empregar o termo “Céus” como substituto para “Deus”.<sup>32</sup> Marcos e Lucas que tinham públicos não judeus e, por isso, não tinham essa preocupação.

Esses são exemplos de que, para melhor entender um texto bíblico, é preciso recorrer ao seu contexto histórico-cultural e contextual. É importante ter ciência dos problemas enfrentados e as soluções apresentadas pelo autor bíblico naquele contexto peculiar.

## **Reflexões sobre a análise léxico-sintática**

---

<sup>30</sup> LOHSE, Eduard. Op. Cit, p. 140.

<sup>31</sup> HALE, Broadus David, Op. Cit, p. 85, 93.

<sup>32</sup> HALE, Broadus David, Op. Cit, p. 97.

De acordo com Virkler, a análise léxico-sintática “é o estudo do significado de palavras tomadas isoladamente (lexicologia) e o modo como essas palavras se combinam (sintaxe), a fim de determinar com maior precisão o significado que o autor pretendia lhes dar”<sup>33</sup>.

Alguns elementos devem ser levados em consideração:<sup>34</sup> apontar a forma literária geral (poesia, prosa etc.), entender como o texto se encaixa a luz do contexto, apontar as divisões naturais do texto, identificar os conectivos dentro dos parágrafos e sentenças, determinar o significado isolado das palavras e analisar a sintaxe. Veremos a seguir alguns exemplos deste importante princípio hermenêutico.

Os conectivos são muito importantes. Elas possuem funções esclarecedoras. No texto de Romanos 12.1, que diz, “*Portanto*, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês” (grifo nosso), o conectivo “portanto” liga essa sentença ao que Paulo falou anteriormente. Em Romanos 11.33-36 Paulo louva a Deus que é Soberano e controla todas as coisas com sabedoria incompreensível aos seres humanos. Desta forma, devido Paulo inicia o capítulo 12 de Romanos dizendo que diante das grandezas de Deus e da nossa pequenez diante do nosso Senhor, ele rogava, apelava e encorajava aos irmãos romanos a se entregarem completamente ao serviço e adoração a Deus.

Em outro texto, Mateus 5.3, nas conhecidas bem-aventuranças, o Senhor proclama: “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus”. A palavra “pobres” vem do termo grego *ptwcoi*. e significa “pedintes”, “oprimidos” ou “mendigos”<sup>35</sup>. O contexto traz muita luz sobre as implicações desse termo aos primeiros ouvintes. Imediatamente antes de proclamar esse sermão Jesus chama alguns discípulos para o seguirem: Pedro, André, Tiago e João (Mt 4.15-22). Depois desse chamado estes passaram a segui-lo e a acompanharem Jesus nas suas jornadas de pregação do Evangelho. Prosseguindo em Mateus 4.23-25, Jesus percorreu a Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e multidões o seguiam.

A jornada do Senhor parecia muito cansativa. Então parece que o Senhor sobe uma colina ou montanha não apenas para descansar, mas para “ter uma oportunidade de ficar sozinho e orar, [além de] dar uma instrução mais concentrada aos seus discípulos”<sup>36</sup>. Jesus precisava ensiná-los acerca do verdadeiro conteúdo do seu reino e das verdadeiras exigências de se fazer parte dele. Jesus procurava ser franco e transparente sobre a ética do seu reino. O Seu reino não consistia apenas em milagres e maravilhas (Mt 4.23-24). Parecia que multidões o seguiam

---

<sup>33</sup> VIRKLER, Henry. Op. Cit, p. 71.

<sup>34</sup> VIRKLER, Henry. Op. Cit, p. 73.

<sup>35</sup> DANKER e GINGRICH, Op. Cit, p. 182.

<sup>36</sup> STOTT, John. *A Mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: ABU, 1989, p. 9.

apenas pelas bênçãos e prodígios vistos. Mas Jesus queria que os seus seguidores o seguissem pelas motivações corretas.

O retrato repugnante do termo *ptwcoi*. indica que Jesus estava falando que assim como um mendigo necessitava da mercê dos transeuntes e era extremamente dependente da ajuda de outros, o Senhor ensina que são benditos, privilegiados e verdadeiramente abençoados aqueles que assumem a postura de extrema necessidade como a de um mendigo.

Jesus prossegue afirmando que os verdadeiros privilegiados são os “pobres de espírito”, ou seja, os extremamente necessitados em relação ao espírito. O substantivo “espírito” (*pneu,mati*) é um dativo de relação. A expressão significa que os pobres o são em relação ao espírito, ou seja, em relação à atitude ou disposição interior.<sup>37</sup> Bock informa que o pano de fundo desta bem-aventurança refere-se aos “pobres piedosos” do AT que sofrem porque têm andado com Deus.<sup>38</sup> Stott tem a mesma opinião e informa que estes pobres “[...] não eram tanto os maltratados pela pobreza, mas os piedosos, assim chamados em parte porque passavam necessidades, eram oprimidos, tiranizados e afligidos de outras maneiras, mas [principalmente] tinham firmado a sua fé e esperança em Deus”.<sup>39</sup>

Desta forma, não devemos interpretar uma palavra de forma literalmente cega. Antes, devemos levar em conta as informações histórico-culturais e contextuais, além das peculiaridades literárias do texto em questão para descobrirmos o sentido de determinado termo, a fim de sermos intérpretes mais fiéis possíveis e, conseqüentemente, expositores fidedignos da Santa Palavra.

Como a Palavra de Deus foi escrita por homens que viveram em diferentes épocas e possuíam culturas diversas, é de se esperar que encontremos vários estilos literários em sua escrita. Assim, a hermenêutica especial reconhece os diversos tipos de literaturas nas Escrituras, reconhecendo também o uso de várias figuras de linguagem, destacando as formas peculiares de se tratar hermeneuticamente cada uma dessas variabilidades textuais.

### **Reflexões sobre algumas peculiaridades literárias da bíblia**

---

<sup>37</sup>MACHEN, J. Gresham. **Grego do Novo Testamento para Iniciantes**. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 198; TAYLOR, *pneu/ma*, **Dicionário**, p. 169.

<sup>38</sup>BOCK. Op. Cit., p. 121.

<sup>39</sup> STOT, John. Op. Cit, p. 21.

Os reformadores Martinho Lutero e João Calvino ressaltavam que, em geral, devemos interpretar as Escrituras literalmente a menos que o contexto ou a natureza da literatura estudada revelem que a interpretação deve se realizar de outra forma peculiar.<sup>40</sup>

Acreditamos que os reformadores tinham razão, pois a forma como em nossa sociedade lidamos com poesia ou com escritos jornalísticos possui algumas peculiaridades. A Bíblia, de forma similar, possui estruturas literárias diversas que devem ser tratadas adequadamente. Dentre elas destacamos aquelas que foram muito bem empregadas pelo maior Pregador e Mestre que já existiu neste mundo: Jesus Cristo. Empregaremos o Nazareno para trabalharmos: metáfora, símile, hipérbole e parábola. Essas figuras encontradas nos ensinamentos do Senhor servirão para termos uma ideia do seu emprego nas Escrituras como um todo.

## **Metáfora**

A metáfora é uma “palavra ou expressão, com sentido figurado, aplicada a outra para sugerir relação entre ambas”<sup>41</sup>. Para Virkler, ela “é uma comparação não expressa”, pois o “sujeito e a coisa com a qual ele é comparado estão entrelaçados”.<sup>42</sup> De acordo com o dicionário de Aurélio, a metáfora “se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado”.<sup>43</sup> Portanto, não há a necessidade explícita de informar que os objetos de comparação são similares, pois isso parece evidente. Percebemos, no Sermão do Monte, algumas metáforas usadas por Jesus (Mt 5.13-14, 16; 6.22-23; 7.6, 13-14):

- “Vocês são o sal da terra”;
- “Vocês são a luz do mundo”;
- “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens”;
- “Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz”;
- “Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos”;
- “Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição [...] Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida”.

---

<sup>40</sup> KUNZ, Claiton André. **Método histórico-gramatical**. Curitiba: FTBP, 2008, p. 23.

<sup>41</sup> MORAES, **Jilton**. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005, p. 117.

<sup>42</sup> VIRKLER. Op. Cit, p. 122.

<sup>43</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

É evidente que nestas comparações, Cristo não queria que suas palavras fossem compreendidas literalmente. O discípulo não é uma fonte física de luz e nem seus olhos são literalmente uma candeia. Tais ilustrações, com nítido entrelaçamento entre os objetos/sujeitos comparados, foram proferidas apenas para clarear o que o Senhor queria que fosse apreendido pelos ouvintes, impactando-os.

## Símile

O símile consiste em uma comparação entre elementos, pessoas ou objetos com alguma característica semelhante. Em geral é uma comparação expressa que utiliza palavras como *semelhante* ou *como*, mas o seu ponto fundamental é que a “ênfase recai sobre algum ponto de similaridade entre duas ideias, grupos, ações etc.”.<sup>44</sup>

Em duas ocasiões o Senhor lança mão desta ferramenta (Mt 7.24, 26): “Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha [...], mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é *como* um insensato que construiu a sua casa sobre a areia”.<sup>45</sup>

Se na metáfora os elementos de comparação são entrelaçados, como por exemplo, os discípulos deveriam ser sal, nos símiles acima os objetos de comparação estão separados. Aquele que ouve as palavras do Mestre é um grupo que é comparado com um tipo de pessoa: aquele que construiu prudentemente sua casa sobre base firme. Similarmente, o grupo daqueles que não ouvem as suas palavras é semelhante ao insensato que construiu sua casa sobre base instável, a areia.<sup>46</sup> Portanto, os elementos de comparação mantêm-se separados no decorrer deste recurso literário.

## Hipérbole

A hipérbole é uma figura retórica “que engrandece ou diminui exageradamente a verdade das coisas”.<sup>47</sup> Jesus usou este recurso ilustrativo de algumas formas: “Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora [...] E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora [...]” (Mt 5.29-30). Mas adiante o Senhor expressa “Por que você repara no cisco

---

<sup>44</sup> VIRKLER. Op. Cit, p. 122.

<sup>45</sup> Grifos nossos.

<sup>46</sup> OLYOTT, Stuart. **Ministrando como o Mestre**: Aprendendo com os Métodos de Cristo. São José dos Campos: Fiel, 2005, p. 16.

<sup>47</sup> FERREIRA. Op. Cit.

que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?” (Mt 7.3).

Percebe-se que Cristo lançou mão desses exageros como estratégia objetivando impressionar e fazer com que seus discípulos compreendessem a seriedade das suas palavras.

## Parábola

Cristo lançou mão das parábolas em grande parte dos seus ensinamentos. Alguns estudiosos estimam que cerca de um terço dos seus ensinamentos consistiram de parábolas e declarações parabólicas.<sup>48</sup> O termo vem do grego *parabolh*, que significa “parábola”, “ilustração”,<sup>49</sup> e é equivalente ao substantivo hebraico *lv'm'* que ocorre no AT.<sup>50</sup> A palavra vem da raiz *bal* “lançar” e denota “disposição de uma coisa ao lado de outra, para efeito de comparação”.<sup>51</sup> A palavra ocorre 50 vezes no NT, majoritariamente nos sinóticos.<sup>52</sup>

De acordo com Fee e Stuart, as parábolas de Cristo foram contadas objetivando além de cativar os ouvintes, fazê-los pensar nas suas próprias ações, permitindo-lhes comparar suas vidas aos relatos parabólicos e dar alguma resposta às verdades ensinadas.<sup>53</sup>

Anglada<sup>54</sup> fornece alguns passos a serem levados em consideração na interpretação de parábolas:

- a) Familiarizar-se com elementos históricos, geográficos e culturais da passagem tais como: instituições, profissões, banquetes, casamentos, dinheiro da época etc. Por exemplo, para compreender a parábola das Dez Virgens é imperioso conhecer o costume do casamento, o emprego das lâmpadas etc.;
- b) Levar em consideração o contexto imediato em que elas foram contadas, pois muitas foram contadas em respostas a críticas (Lc 7.39ss), como ilustração a ensinamentos proferidos por Cristo (Mc 13.33ss), dentre outros;

---

<sup>48</sup> MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 78.

<sup>49</sup> DANKER e GINGRICH, Op. Cit, p. 155,159-160.

<sup>50</sup> PEISKER, **Parábola**, p. 1567. Na LXX, *parabolh*, sempre traduz *lv'm'*. Para mais detalhes sobre os usos e significados de *lv'm'* no contexto veterotestamentário, cf. PEISKER. **Parábola**, pp. 1567-1569 e KIRST, Nelson et. al.. I *lv'm*, II *lv'm*, I *lv'm'*. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português**. 17. ed. São Leopoldo/ Petrópolis, Sinodal/Vozes, 2003, p. 145.

<sup>51</sup> METZGER, Bruce M.; PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Estudos do Vocabulário do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 117.

<sup>52</sup> *parabolh*, *parabolē*. In: **Concordância fiel do novo testamento**. São José dos Campos: Fiel, 1994, p. 609-610.

<sup>53</sup> FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 125.

<sup>54</sup> ANGLADA. Op. Cit, p. 211-213.

- c) Deve-se identificar o foco ou focos das parábolas, não se detendo aos detalhes que servem apenas para compor o cenário da história. Por exemplo, na parábola da ovelha perdida (Lc 15.3-7) os detalhes como deserto, os amigos e vizinhos etc. apenas compõem a paisagem do relato e não possuem significados ocultos;
- d) Observar se a parábola indica explicitamente seu objetivo. Por exemplo, a parábola do Banquete de Casamento (Mt 22.1-14) indica explicitamente que objetiva ensinar que “muitos são chamados, mas poucos são escolhidos” (v. 14). Quando o propósito não é claro, deve-se pesquisar o contexto histórico-literário e buscar em outros textos bíblicos elementos clarificadores.<sup>55</sup>

### **Princípios hermenêuticos empregados pelo intérprete por excelência: Jesus Cristo**

No sermão do monte encontramos alguns pressupostos e princípios hermenêuticos de Jesus. A parte do sermão em que o Senhor mais cita as Escrituras encontra-se em Mt 5.21-48 e, justamente nesta parte da pregação, encontramos os elementos hermenêuticos norteadores que Cristo costumava empreender.

#### **As escrituras como fonte de autoridade**

Em Mateus 5.17, Jesus diz que não veio para revogar a Lei ou os Profetas, mas cumpri-los. O termo “Lei ou os Profetas” e expressões similares são empregados frequentemente no NT referindo-se aos escritos tidos como inspirados pelos judeus, ou seja, o Antigo Testamento (AT).<sup>56</sup> Era prática comum a leitura da “Lei e dos Profetas” nas sinagogas pelos judeus piedosos (At 13.14, 15).

A única provável designação tripla do cânon hebraico encontra-se em Lucas 24.44: “E disse-lhes: ‘Foi isso que eu lhes falei enquanto ainda estava com vocês: Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na *Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos*’”.<sup>57</sup> Neste texto parece que o Senhor tem em mente a divisão tripartida do cânon hebraico, ou seja, a *Tanak: Torá* (Lei), *Nebi'im* (Profetas) e *Kethubhim* (Escritos). Nesta referência de Lucas, o livro dos Salmos foi provavelmente citado como representante dos *Kethubhim*.

---

<sup>55</sup> ANGLADA. Op. Cit, p. 213.

<sup>56</sup> CARNEIRO, Marcelo da Silva. **Jesus, a Torá e os Nebiim, e o pleno cumprimento da justiça em Mt 5,17-20: Uma análise exegético-teológica.** Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008, p. 88-89.

<sup>57</sup> Grifos nossos.

Lohse informa que os escritos da comunidade de Qumran atestam que, na época de Cristo, todos os livros canônicos já estavam definidos pelo judaísmo.<sup>58</sup> Portanto, com relação ao sermão do monte, a sua audiência estava ciente de que o Senhor estava tratando acerca dos Escritos Sagrados do AT.

Cristo prossegue informando que não veio anular o AT, mas cumprir (plhrw/sai). Este verbo, derivado de plhro,w (“plēroō”), significa no texto grego “cumprir”, “encher” ou “completar”.<sup>59</sup> Não é óbvio à primeira vista o que Jesus quis dizer com esta palavra. Alfred Plummer sugere que o Senhor veio levar o AT “à plenitude; por meio do traduzir seu espírito e chegar aos princípios que subjazem à estreiteza da letra”.<sup>60</sup> Esta interpretação está em consonância com o que ele observou anteriormente de que não viera anular a Lei ou os Profetas. Este não era o seu objetivo. Antes, pelo contrário, ele visava reafirmar as Escrituras, cumprindo seus preceitos e explicando a verdadeira força das palavras de Deus. Ratificando esta posição, Calvino sugere que “[...] com estas palavras [Jesus] mostra bem claramente que a reverência e obediência que se deve a Lei não foram diminuídas em nada pela sua vinda [...]”<sup>61</sup>.

Após observar que viera reafirmar os preceitos do AT e ensinar as verdadeiras implicações das suas palavras, posteriormente Cristo mostra seu profundo respeito para com a Palavra de Deus. Ele disse:

Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus (Mt 5.18-19).

O Senhor disse que nem a menor letra, Viw/ta (“iōta”), e nem o menor traço, kerai,a (“keraia”), desapareceriam da Lei. Viw/ta é a menor letra do alfabeto grego e corresponde ao *iode* (y), a menor letra do alfabeto hebraico/aramaico. A palavra kerai,a, por sua vez, significa “projeção”, “gancho” ou “curva” e corresponde ao menor traço que distinguia certas letras hebraicas de outras parecidas,<sup>62</sup> ou então, de acordo com a visão de Tasker, referia-se “a[o] acento usado às vezes sobre certas palavras do Antigo Testamento”.<sup>63</sup>

---

<sup>58</sup> LOHSE, *Ambiente do NT*, p. 157. Apesar de CARNEIRO, *Jesus, a Torá e os Nebûim*, p. 89-90 e LIRA, David Pessoa de. *A Didakhe Kaine de Jesus: Um Ensaio Exegético de Mc 1.21-28*. 90 São Leopoldo, 2006, p. 53.

<sup>59</sup> DANKER e GINGRICH. Op. Cit, p. 168; TAYLOR, Op. Cit, p. 177.

<sup>60</sup> PLUMMER, Alfred. *An Exegetical Commentary on the Gospel according to S. Matthew*. London: Robert Scott, 1909, p. 76 *Apud* BOCK, Darrell L. *Jesus segundo as Escrituras*. São Paulo: Shedd Publicações, 2006, p. 123.

<sup>61</sup> CALVINO, Juan. *Institución de la Religión Cristiana*. Barcelona: FELIRE, 2006, p. 257.

<sup>62</sup> DANKER e GINGRICH, Op. Cit, p. 104-115.

<sup>63</sup> TASKER, *Mateus*, p. 54. Cf. também HUNTER, *Design For Life*, 44.

Portanto, Jesus reconheceu que as Escrituras do AT têm autoridade divina e validade nos mínimos detalhes. Ele alertou que quem não considerar o AT e os seus mandamentos será considerado o menor no reino dos céus.

Isto significa que Jesus queria ressaltar aos seus discípulos a real importância do AT. Ele cria piamente na sua autoridade e a costumava citá-la para fundamentar o seu ensino. No reino proclamado por Ele, as Escrituras veterotestamentárias têm importância vital, pois era a Palavra de Deus.

Antes mesmo de proferir este sermão, o Senhor demonstrou na prática que sua vida estava norteada pelas Escrituras. O evangelista Mateus, bem como Lucas, registra que Cristo empregou textos do AT para vencer a tentação do Diabo pela Palavra (Mt 4.1-11; Mc 1.12-13; Lc 4.1-13).<sup>64</sup>

Assim, este preâmbulo da pregação do Mestre demonstra o seu mais alto respeito, apreço e devoção às palavras de Deus registradas e entregues à nação de Israel. E mais: elas são válidas para os seus discípulos, os filhos do reino.<sup>65</sup>

### **Regra de inferência do menor para o maior**

Uma das regras de interpretação comuns na época de Cristo e utilizada por ele era o princípio do menor para o maior. Esta regra era denominada *qal wahomer* (רמח"א לך), “do leve para o pesado”, e tratava-se da inferência de que se um princípio se aplica a algo menor, também se aplica ao maior.<sup>66</sup> Nas palavras de Bock, “se é verdade em relação ao menor, então é ainda mais verdade ao maior”.<sup>67</sup>

De acordo com Lohse, Hillel ficou famoso ao lançar mão deste princípio para resolver uma problemática relacionada à Páscoa e ao dia sagrado do sábado. Ele disse que “se no sábado é permitido fazer o sacrifício do sábado, quanto mais se deve permitir a oferta da Páscoa em um sábado”.<sup>68</sup>

Esta mesma regra foi utilizada por Jesus. Ao falar sobre a ansiedade, ele disse:

Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas? [...] Vejam como crescem os lírios do campo [...] Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé? (Mt 6.26, 28, 30).

---

<sup>64</sup> VIRKLER, Op. Cit, p. 22-25 e PRICE, J. M. **A Pedagogia de Jesus: o Mestre por Excelência**. Rio de Janeiro: Bom Pastor / SABRE, 2008, p. 93.

<sup>65</sup> Lembrando que o NT ainda estava em formação.

<sup>66</sup> LIRA, **A Didakhe Kaine de Jesus**, p. 59; LOHSE, *Ambiente do NT*, pp. 159-160.

<sup>67</sup> BOCK. Op. Cit, p. 134.

<sup>68</sup> LOHSE, **Ambiente do NT**, p. 159 citando o Talmude Babilônico, *Pesachim* 66a.

O argumento é que se Deus cuida da provisão diária dos pássaros, também cuidará dos seus discípulos. Se os lírios do campo recebem o cuidado do Criador e são “vestidas” com ternura, igualmente Deus providenciará as vestes dos filhos do reino, assim como a alimentação diária. Desta forma, as pessoas são mais importantes do que as aves, as ervas e as flores. Por isso, os discípulos não deveriam se preocupar.

### **Citação das escrituras com propósito de estimular a reflexão dos ouvintes**

Lira informa que alguns relatos sobre Cristo mostram que ele citava as Escrituras como uma provocação aos ouvintes. Essa atitude tinha “[...] um fim didático de fazer com que os ouvintes [refletissem] sobre seus comportamentos e [buscassem] outro comportamento adequado [...]”<sup>69</sup>.

Percebe-se este mecanismo nas conhecidas antíteses.<sup>70</sup> Quando o Mestre citou o sexto mandamento do Decálogo, “não matarás”, e em seguida disse que “qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento” (Mt 5.21-22), quis que seus ouvintes refletissem nas verdadeiras implicações do mandamento. O assassinato não é apenas tirar a vida de alguém, mas, antes de se chegar ao ato em si, o assassinato começou no coração. Para Stott, “a verdadeira proibição era muito mais ampla [...] incluía pensamentos e palavras, além de atos; cólera e insultos, além do homicídio”.<sup>71</sup>

De forma similar, nas demais antíteses, o Nazareno quis que sua audiência refletisse sobre o mandamento da Escritura e acompanhasse o seu raciocínio acerca das implicações dos preceitos veterotestamentários. A força do mandamento não era apenas o exterior. A intenção também era muito importante aos olhos de Deus.

### **Ênfase ao âmago das escrituras com ratificação do seu sentido gramatical**

Para Stott, o que Jesus condenou foi a atitude dos escribas em tornar “as exigências da lei menos exigentes e as permissões da lei mais permissivas”.<sup>72</sup> Por isso, Jesus ressaltou todas as implicações dos mandamentos citados no Sermão do Monte.

---

<sup>69</sup> LIRA, Op. Cit, p. 60.

<sup>70</sup> As antíteses correspondem a uma parte do Sermão do Monte (Mt 5.21-48) em que Jesus menciona trechos da Torá e da tradição dos Escribas e fariseus e se contrapõe à interpretação equivocada desse último grupo. É comum Jesus usar a expressão “eu, porém, vos digo...”.

<sup>71</sup> STOTT, Op. Cit, p. 77.

<sup>72</sup> STOTT, Op. Cit, p. 73.

Assim sendo, assassinar continua sendo pecado. O sentido gramatical deste mandamento ainda continua de pé. Porém, a ira exacerbada é o berço deste pecado e pode levar a julgamento. Na prática, se alguém estiver adorando a Deus e se lembrar de que está em conflito com alguém, deve primeiramente buscar reconciliação com o próximo para depois buscar a reconciliação e o perdão de Deus (Mt 5.21-26).

Similarmente, adular continua sendo pecado. Porém, deve-se cortar este mal pela raiz, tendo o controle dos olhos, pois desta forma, o pecado será cortado na sua fonte (Mt 5.27-30). O adultério está tanto no olhar malicioso e sensual quanto no ato manifesto em si.<sup>73</sup> Semelhantemente o divórcio é errado e Deus continua odiando esta prática (Mt 5.31-32. Cf. Mt 2.16). Então, reiterando este preceito, Jesus desencoraja veementemente o divórcio por qualquer motivo, como era comum na sua época.

Enfim, o Senhor dá ênfase ao cerne da Lei, sempre apresentando aplicações ao cotidiano dos ouvintes. Ele combateu as tradições que minimizavam o alcance dos próprios mandamentos, mas sempre reiterava os preceitos em si.

### **Cristo apresenta-se como o autêntico intérprete da palavra de Deus**

Após ressaltar o grande valor e a autoridade das Escrituras, o Senhor Jesus questionou as tradições e corrupções interpretativas dos mestres da lei, passando, nas antíteses, a apontar para a intenção original de Deus acerca dos preceitos veterotestamentários. A sua forma de interpretar e aplicar as Escrituras demonstrava que ele se considerava “[...] como Messias” e, desta forma, “[...] ele se declarou autorizado a suplementar a lei, tirar conclusões e princípios nela latentes, bem como desautorizar as deduções falsas anteriormente extraídas dela”.<sup>74</sup> Percebe-se, desta forma, que o Senhor se colocou como autêntico intérprete da Lei.

A expressão característica “mas eu lhes digo” denota que suas palavras correspondiam à “interpretação exata e autorizada da lei de Deus”.<sup>75</sup> Assim, nas palavras de Calvino, “[...] Cristo [é o] perfeito” e “fidelíssimo intérprete da Lei”.<sup>76</sup>

### **Considerações finais**

---

<sup>73</sup> PRICE, *Op. Cit*, p. 90.

<sup>74</sup> TASKER, *Op. Cit*, p. 53.

<sup>75</sup> STOTT, *Op. Cit*, p. 228.

<sup>76</sup> CALVINO, *Institución*, pp. 266, 281.

Pelo pouco espaço que dispúnhamos, fizemos pequenas reflexões sobre o que julgamos serem os princípios hermenêuticos mais relevantes no estudo das Escrituras. Temos ciência de que ressaltamos apenas algumas regras na interpretação bíblica. Por isso, as obras referenciadas neste artigo podem ser consultadas para maior aprofundamento dos princípios e na sua aplicação para a exegese.

No entanto, esperamos ter feito uma revisão das regras interpretativas mais importantes. Ressaltamos os princípios hermenêuticos do maior intérprete e pregador de todos os tempos, Jesus Cristo, concordando com Osborne de que o objetivo de empregar as regras interpretativas é “a aplicação dinâmica do texto às necessidades concretas dos estudiosos e o compartilhamento desse texto com outros via *pregação e ensino expositivos*”<sup>77</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEVER, Mark. **O que é uma igreja saudável?** São José dos Campos: Fiel, 2009.
- DEVER, Mark. **Nove Marcas de uma igreja saudável.** São José dos Campos: Fiel, 2007.
- LOPES, Hernandes Dias. **A Importância da Pregação Expositiva para o Crescimento da Igreja.** São Paulo: Candeia, 2004.
- LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva: sua importância para o crescimento da igreja.** São Paulo: Hagnos, 2008.
- DANKER e GINGRICH, e`rmhneu,w, Léxico, p. 56.
- BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional.** São Paulo: Vida / Sociedade Bíblica Internacional, 2001.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira. **Curso Introdutório de Homilética.** São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 343 (nota nº. 3).
- LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004, pp. 23-29
- HALE, Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2001.
- KELLY, John N. D. **I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1983.
- HORTON, Michael. **Sobre dominadores e rebeldes: a condição humana.** São Paulo: Reflexão, 2014.
- Versão Almeida Revista Atualizada (ARA), cf. BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA.** São Paulo/Barueri: Cultura Cristã/Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica.** São Paulo: Vida, 2001
- LOHSE, Eduard. **Contexto e Ambiente do Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 2000

---

<sup>77</sup> OSBORNE, *Espiral Hermenêutica*, p. 530

- STOTT, John. **A Mensagem do Sermão do Monte**. São Paulo: ABU, 1989
- MACHEN, J. Gresham. **Grego do Novo Testamento para Iniciantes**. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 198; TAYLOR, pneu/ma, Dicionário, p. 169.
- KUNZ, Claiton André. **Método histórico-gramatical**. Curitiba: FTBP, 2008
- MORAES, Jilton. **Homilética: da pesquisa ao púlpito**. São Paulo: Vida, 2005
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2004
- OLYOTT, Stuart. **Ministrando como o Mestre: Aprendendo com os Métodos de Cristo**. São José dos Campos: Fiel, 2005
- MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1999,
- PEISKER, Dicionário Hebraico-português e Aramaico-português. 17. ed. São Leopoldo/ Petrópolis, sinodal/Vozes, 2003.
- METZGER, Bruce M.; PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Estudos do Vocabulário do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- parabolh,, parabolē. In: **Concordância fiel do novo testamento**. São José dos Campos: Fiel, 1994
- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova, 2005
- CARNEIRO, Marcelo da Silva. **Jesus, a Torá e os Nebûim, e o pleno cumprimento da justiça em Mt 5,17-20: Uma análise exegético-teológica**. Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008.
- LOHSE, **Ambiente do NT, p. 157. Apesar de CARNEIRO, Jesus, a Torá e os Nebûim**, p. 89-90 e LIRA, David Pessoa de. **A Didakhe Kaine de Jesus: Um Ensaio Exegético de Mc 1.21-28. 90** São Leopoldo, 2006.
- PLUMMER, Alfred. **An Exegetical Commentary on the Gospel according to S. Matthew**. London: Robert Scott, 1909, p. 76 *Apud* BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.
- CALVINO, Juan. **Institución de la Religión Cristiana**. Barcelona: FELIRE, 2006
- TASKER, **Mateus**, p. 54. Cf. também HUNTER, **Design For Life**, 44.
- PRICE, J. M. **A Pedagogia de Jesus: o Mestre por Excelência**. Rio de Janeiro: Bom Pastor / SABRE, 2008,
- OSBORNE, Grant. **Espiral Hermenêutica: Uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova. 2009.